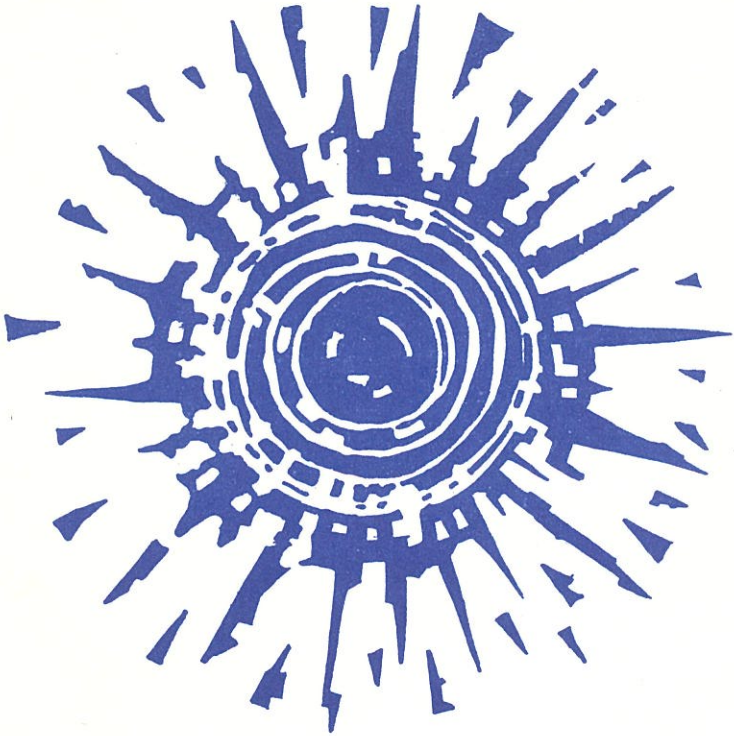


NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS

Nº 15 Dezembro 1989

Novellae Olivarum
Revista de Formação Cultural

Terceira Série
nº 15
Dezembro 1989

Sumário

Editorial 2
Mesa Redonda 3
Ser Seminário Hoje: desafios e perspectivas
Alfredo Bruto da Costa, António Martins, Carlos Rosmaninho, Maria Carlos, Cón. Orlando Leitão.
Cardeal Cerejeira: *Pensamento, Coração e Relação com o Poder* **19**
Cón. Manuel Clemente
Recordando *os meus anos de Seminário no tempo do Cardeal Cerejeira* **20**
Cón. João Antº de Sousa
58º Aniv. do Seminário
Decreto da Fundação do Seminário dos Olivais **23**
Em Missão...
Discursos na despedida do Rev. Cón. Carlos Paes **24**
Crónica **30**

Depósito legal nº 2912/83

Director
Pe. Luís Alberto M. Carvalho

Redacção:
António Costa Marques
António Fernando Teixeira
João Domingos Brás
Joaquim José Nunes
Ramiro da Cruz Ferreira

Propriedade e Administração
Seminário dos Olivais
1800 LISBOA
tel. 01-9435540

Editorial

A aventura nasce de um coração inquieto.
Ser Seminário também é isso:
aceitar a aventura e o risco de uma resposta
que não sabemos nunca por que caminhos nos leva
mas que descobrimos sempre fecunda de sentido.
Até nas limitações... e nas recusas.
É que a aventura, o desejo de crescer e viver de verdade
não é só nosso!
Pelo contrário, ela é sobretudo apelo,
chamamento de Alguém que nos espera
e "escreve direito por linhas tortas"...

E cá estamos, com a nossa pequenez,
a pôr no papel, algumas imagens de uma vida
e de uma história que procurámos construir com Ele.
Desde o que fizemos ao que descobrimos que era urgente fazer,
tudo aqui fica num número da Novellae
marcado pelas comemorações do 100º aniversário do nascimento do Cardeal Cerejeira
e pela questão, inevitável e sempre presente, da evangelização
e da qualidade de Seminário que ela exige...

SER SEMINÁRIO HOJE:
desafios e perspectivas MESA REDONDA

TOLENTINO - *No momento em que se vive a preparação do Sínodo dos Bispos dedicado à formação sacerdotal, a Novellae Olivarum pensou também propor este tema à reflexão dos seus leitores.. E, como o Seminário é uma realidade em função do Povo de Deus e intimamente ligado a ele, pensámos que seria enriquecedor abrir este diálogo a pessoas que não integram permanentemente e do mesmo modo que nós a comunidade do Seminário. Por isso, agradecemos a presença da Maria Carlos (nossa colega no estudo da teologia) e do engenheiro Bruto da Costa. Contamos igualmente com a participação do Cónego Orlando Leitão, director espiritual nesta casa, e dos nossos colegas António Martins (finalista do Algarve) e Carlos Rosmaninho (3ºano - diocese de Setúbal).*

Para começar, gostaria que reflectíssemos sobre o seguinte: os seminários, habitualmente designados como uma das mais importantes estruturas eclesiais e que o Concílio chama de "coração da diocese", são para grande parte dos cristãos uma entidade longínqua, desconhecida ou, quando muito, reservada ao foro eclesiástico. Numa Igreja que se quer de corresponsabilidade e comunhão, que leitura fazer deste facto?

BRUTO DA COSTA - Quanto a mim, na condição de simples leigo, enquanto afirmação concordo com ela: o Seminário é uma estrutura relativamente longínqua do Povo de Deus, de um modo geral. Admito, sem fazer qualquer juízo de valor, que a prática recente de os seminaristas terem parte da sua formação na UCP cria um certo tipo de aproximação, mas com um sector muito limitado da sociedade e da comunidade cristã.

MARIA CARLOS - Relativamente a essa afirmação acho que é verdadeira: posso dizê-lo enquanto jovem e enquanto mulher. Venho de uma cidade do interior e aí acontece que o Seminário é um espaço quase à parte da cidade de

Portalegre, com que não tem muito contacto.
Concordo com o Bruto da Costa quando diz que a UCP permite o contacto com outras pessoas. De qualquer forma, o Seminário é sempre uma pessoa "estranha": "Porquê? Para quê?"

CÓN. ORLANDO - Esse último aspecto diz respeito à questão concreta "porque razão um rapaz se decide a ser padre"? (...)

MARIA CARLOS - Sim, mas o facto de a questão aparecer vem na sequência do desconhecimento do espaço que é o Seminário. Não vejo outra razão para se colocar constantemente essa interrogação!

BRUTO DA COSTA - Acho que a clarificação que o Dr. Leitão fez é muito importante: um é o problema da vocação enquanto tal (que está antes do Seminário, pelo menos na sua génese), outra é a pergunta que nos foi posta: se, pressuposta a vocação, a formação dos padres deve ou não processar-se num local diferente daquele onde as outras pessoas habitualmente se formam.

CARLOS ROSMANINHO - A minha experiência pessoal mostra-me que quando me senti chamado e decidi entrar para o Seminário não tinha uma ideia concreta do que este era. Creio que é isso que acontece um pouco com a generalidade dos cristãos: fazem do Seminário uma comunidade ideal, mas não sabem o que estudam os seminaristas nem onde o fazem. Muitos não sabem que nós já não temos as aulas no Seminário!

ANTÓNIO MARTINS - Dos contactos com as pessoas, vejo que a ideia que fazem do Seminário é quase a de um espaço mítico ! Daí que o seminarista também seja visto como uma espécie de "ave rara". Isso talvez tenha a ver com o facto de o Seminário ser pouco "natural" entre o Povo de Deus: uma estrutura distante da qual as pessoas não têm conhecimento directo. A sua participação na formação é sobretudo económica: fornece dinheiros e géneros. Mas não participa directamente, a não ser através da Universidade (e mesmo assim de modo bastante ténue).
E quem vai para o Seminário submete-se a um processo de quase ruptura entre o meio de onde vem e aquele onde se vai inserir. Isso é uma questão complicada mas verdadeira. Será que tem a ver com a conversão? Será que o Seminário é o "supra-sumo" da experiência eclesial?

CÓN. ORLANDO - Pois eu venho de uma experiência já muito antiga. Se é certo que nesse tempo o Seminário era mais fechado, todavia, para certas

pessoas, não o era tanto como agora: havia dentro do próprio Seminário (e não no "Pavilhão B", como hoje) o retiro da JUC, por exemplo. Eu, muito antes de vir para o Seminário, já cá tinha vindo diversas vezes e conhecia vários seminaristas, que entretanto se iam ordenando. O Seminário nunca me pareceu tão longe do Povo de Deus como hoje! Mas, com o actual estilo de formação e com a presença dos seminaristas em movimentos e paróquias, penso que a razão desse desconhecimento reside sobretudo no facto de serem poucos. São apenas 60, e espalhados por aí tornam-se uma presença bastante limitada. Pode ser que esta não seja uma visão bem exacta: é a minha!

TOLENTINO - *Gostava que se fizesse a leitura desse facto: em termos eclesiais, o que é que representa haver assim uma separação tão sentida entre uma estrutura fundamental da diocese e o Povo de Deus? Não é possível ser de outra maneira? O cristão tem a ver com o que se passa aqui, para além duma referência vaga e projectada no futuro?*

CARLOS ROSMANINHO - Não acho que haja uma separação entre o Seminário e as pessoas. Há é um desconhecimento daquilo que é o Seminário hoje ou daquilo que ele pode vir a ser.
Os cristãos têm ainda uma ideia de Seminário nos moldes daquilo que era há alguns anos atrás, e nisso é que talvez consista a tal separação! Há até uma relação de ajuda material que se mantém e, portanto, há uma ligação e as pessoas sentem a importância do Seminário.

ANTÓNIO MARTINS - Eu creio que esta separação é ainda resultado de modelos de padre e de Seminário passados. Hoje, os novos modelos ainda não foram capazes de se impor. A separação sentida tem a ver com um modelo de padre formado afastado da sociedade e dos homens do seu tempo, na base de uma espiritualidade de "fuga ao mundo". O Seminário criava as imunidades necessárias! Era também uma formação ligada ao exercício do poder e à prática da disciplina e do isolamento.
Creio que hoje o que a Igreja exige é algo inserido na comunhão do Povo de Deus e participado por ele. De qualquer modo, parece-me que ainda não se conseguiu plenamente um modelo de integração em que o Seminário apareça como espaço perfeitamente aberto e em diálogo com a sociedade e o Povo de Deus. Permanece uma fronteira entre um dentro e um fora!

CÓN. ORLANDO - A respeito desse desconhecimento, parece-me que ele é tão real que se alarga aos próprios padres! Os padres nem imaginam o que é o Seminário hoje! A ideia que têm de Seminário é a de como ele era "no seu

tempo", mas não sabem realmente como é. Nós tentamos alterar isso, procurando que sejam feitas cá as reuniões dos vigários e do Conselho Presbiteral. Mas, claro, isso é insuficiente para lhes dar a conhecer o que é realmente o Seminário!

BRUTO DA COSTA - Há um problema que eu chamaria de "pedagogia da vocação". De tal assunto eu não percebo nada e, portanto, o que vou dizer tem essa ressalva básica: há sinais de uma vocação e, depois, haverá uma pedagogia para que essa vocação seja cultivada. O que posso dizer, enquanto membro do Povo de Deus, é o seguinte: o problema do Seminário (o tal distanciamento que, julgo, já foi maior do que é hoje) deve ser visto no âmbito da nova eclesiologia. Recordo, por exemplo, o papel dos leigos na Igreja pré-conciliar: era uma tal situação de "padre-que-dá" versus "leigo-que-recebe" que tudo quanto fosse para além disso deixava de fazer sentido. O próprio conceito de "preocupação eclesial" é recente: dantes havia "preocupações eclesiásticas"! E o Seminário era uma preocupação eclesiástica, não eclesial! Era, por isso, uma preocupação à qual o leigo não tinha acesso.
Hoje a situação é completamente diferente e é claro que o leigo é participante e corresponsável na missão da Igreja. É um dos modos de ser cristão - e até, quantitativamente, o mais difundido! - e todo esse modo de pensar faz com que o leigo se sinta corresponsável na missão da Igreja e, por consequência, corresponsável também pela forma como estão a ser formados os padres. Penso, no entanto, que essa parte da vida da Igreja não entrou ainda expressamente no âmbito da preocupação comunitária, a não ser, evidentemente, ao nível das "semanas das vocações", do apoio material aos Seminários, etc... Mas, enquanto campo de preocupação corrente da vida da Igreja, ainda não passa pela vida dos leigos.
Agora, há um segundo ponto: esta nova eclesiologia revalorizou os conceitos de Povo de Deus e de Igreja - Comunhão. E aí é que me parece que a integração dos seminaristas diocesanos ainda não se fez em termos de integração na comunidade. Penso que isso só é possível, na prática, em paróquias. Agora pergunto: nas paróquias onde vocês trabalham dá-se ou não essa integração comunitária?

ANTÓNIO MARTINS - O conceito de "integração comunitária" supõe o de "fazer parte". Neste sentido, posso dizer que não nos integramos, pois não nos sentimos "parte" dessas comunidades. A nossa pastoral nas paróquias é de fim-de-semana e nos movimentos é de algumas horas semanais...

BRUTO DA COSTA - Agora, atenção! Estou a pensar no meu caso pessoal:

a minha inserção paroquial faz-se em termos de animar o canto numa missa ao Domingo e, de vez em quando, umas palestras, mas estou totalmente integrado na comunidade! Não me parece, pois, que isso esteja tanto ao nível do tempo como do modo! Eu penso que, para já, as nossas comunidades não têm prática de vida comunitária: há-a ao nível dos grupos, mas no plano inter-grupos tem de ser ainda forjada. E se tivermos em conta que o número de pessoas que pertencem a esses grupos é uma percentagem ínfima daqueles que vão à missa dominical, então pode dizer-se que não há vida comunitária!

ANTÓNIO MARTINS - De qualquer modo, o Seminário é a comunidade durante a semana e é aí que se realiza a nossa identidade comunitária e não nas comunidades onde vamos ao fim-de-semana...

BRUTO DA COSTA - Em contrapartida, eu tenho a minha comunidade familiar. E esta não contraria a outra: são formas de inserção comunitária diferentes. Não me parece que essa seja a principal limitação da vida comunitária hoje!
Há aqui um problema que me parece ainda pouco agarrado: é que corremos o risco de transportarmos para o interior da Igreja critérios e mecanismos meramente humanos. Houve, aqui há uns vinte anos, uma forte tendência para se criar grupos por afinidades. Eu sempre tive em relação a isso muitas reservas, porque penso que o específico do cristão é encontrar a comunidade a partir da unidade na fé. Se estamos muito marcados por uma pré-condição humana, transportamos para dentro da Igreja todas as segmentações com que a sociedade está marcada: há o senhor doutor, o senhor engenheiro, a senhora fulana de tal...- as mesmas categorias que são sinais de afastamento na sociedade civil! E ainda não passámos suficientemente deste critério "do mundo" para um critério baseado na fé. Trata-se de uma exigência que me leva a considerar que só encontro a verdadeira postura da fé quando me sentir totalmente irmanado com aquele que está ao meu lado.

CÓN. ORLANDO - Eu voltaria um pouco atrás para dizer o seguinte: tenho a impressão de que a presença daqueles de vós que são assistentes nos movimentos de Acção Católica não é muito diferente da dum assistente padre. Eu fui assistente da JEC durante dez anos e, sendo o único da equipa que não era estudante nem daquela escola, isso provocava alguma diferença, mas sentia-me membro da equipa e daquela comunidade! Julgo que temos de assumir essa diferença, enquanto padres ou animadores espirituais.

MARIA CARLOS - Voltando à questão inicial, eu acho que o desconheci-

mento da formação dos seminaristas também é por culpa dos leigos que deixam isso à conta dos padres. Na minha terra diz-se que a Igreja "é para padres e mulheres"! Agora já se começa a falar mais na responsabilidade dos leigos na formação dos padres, na orientação das comunidades, etc...
Outra coisa é que se criou uma auréola tanto à volta do seminarista como do padre: buscamo-los para as questões mais profundas, enquanto nas coisas políticas "desenrascamo-nos". Isso significa alguma irresponsabilidade, pelo facto de pressupor que só o padre é o detentor da verdade e, deste modo, o seminarista é visto como pré-profissional da verdade! Julgo que é importante os leigos tomarem consciência da sua participação na formação dos seminaristas.

CARLOS ROSMANINHO - É importante esta decoberta que vamos fazendo da corresponsabilidade na missão e dos diferentes serviços que existem. Havendo diferentes serviços há também comunidades diferentes. Por outro lado, eu sinto que é importante que uma comunidade exista para sair fora de si mesma, como o próprio cristão, pelo baptismo, é alguém que se dá, sai de si e procura. E julgo que é nesta consciência de procura que o Seminário e a formação dos padres hão-de ser diferentes.

TOLENTINO - *Imaginemos que certas dificuldades eram superadas e conseguíamos uma vivência de corresponsabilidade e de comunhão efectivas. Como é que se situaria, a esse nível, uma estrutura como o Seminário (numa Igreja de irmãos entre irmãos)?*

ANTÓNIO MARTINS - A meu ver seria preciso discutir primeiro que estrutura de Seminário é que queremos: se um Seminário concentrado num edifício, com 50 ou 60 alunos e 5 padres formadores, se outro tipo de Seminário. Eu julgo que teremos de avançar para outra estrutura de Seminário, onde se evite a massificação e se consiga uma melhor vivência de comunidade. Funcionaria muito ao estilo familiar: uma família de 5, 6, 7 pessoas. Partilho um pouco da ideia duma integração na paróquia: talvez o futuro do Seminário passe pelos Seminários paroquiais, com uma maior integração e enraizamento comunitário.
Isso talvez comporte riscos e custos, humanos e monetários: é muito mais fácil para a Igreja apostar na "fabricação de padres em série" (deixem passar a expressão...) do que ter de criar em 6 ou 7 paróquias da diocese este tipo de Seminário familiar e paroquial.

CARLOS ROSMANINHO - Eu sinto também que esta estrutura de Seminário

está em mutação e que, dentro de alguns anos, a formação dos padres há-de ser diferente. Isso vai depender do modo como padres e leigos conseguirem levar a todo o Povo de Deus a nova eclesiologia, o Concílio e toda a riqueza que é viver em comunhão. E serão os leigos a ajudar nessa transformação, na medida em que melhor descobrirem a riqueza e o sentido da nova eclesiologia.
Quanto a essa estrutura de Seminário ser de base paroquial ou não, acho muito difícil saber-se isso! Hoje, como as coisas estão, é muito difícil haver um crescimento e um desabrochar vocacional pleno: cai-se facilmente na massificação. Concordo, por isso, que a formação se faça em grupos mais pequenos e com uma intensa partilha da fé.

BRUTO DA COSTA - Gostaria de dizer uma coisa: estamos a centralizar a nossa conversa na estrutura do Seminário, e isso pode ser o que menos importa: o que interessa mais é saber que "tipo" de padre é preciso hoje (e amanhã); depois, que género de formação é necessária para se "obter" um padre segundo essa exigência; e só no fim é que vêm aspectos, quase diria "técnicos", de se saber se se chega lá por uma via ou por outra...
Penso que a crescente consciência de se ser cristão é um facto, graças a Deus. Por outro lado, o Concílio tanto quanto foi um movimento de actualização da Igreja, foi-o também de aprofundamento do que é ser Igreja. Actualizar é muito importante, mas seria incompleto se não fôssemos também para o aprofundamento. E, nesse sentido, penso que não deve haver uma convergência, isto é, uma uniformização dos modos de ser cristão leigo e cristão ordenado. Irão, no futuro, continuar a ter funções qualitativamente diferentes, o que quer dizer que as respectivas formações também têm de ser diferentes: a minha função de construir o mundo requer uma formação necessariamente diferente da de alguém que tem por função fundamental o serviço ao Povo de Deus. São serviços diferentes. Em síntese: quanto mais os leigos aprofundarem a sua consciência de ser cristão (com todas as consequências), tanto mais os padres têm também de aprofundar a sua. Porque, se não, será uma desgraça! Hoje, por exemplo, exigimos ao padre um melhor conhecimento da exegese bíblica. Para além disso, direi que o discurso profético actualmente corre dois riscos: o primeiro é o de ignorar os avanços da ciência e da técnica, e falar como há vinte ou trinta anos. Por exemplo, interpretar em sentido literal os onze primeiros capítulos do Génesis compromete o discurso profético porque lhe tira toda a credibilidade!
Mas corre-se simultaneamente outro risco, que eu encontro na Faculdade de Ciências Humanas da nossa Universidade Católica: o de dar a última (e, por vezes, a única) palavra à ciência. Vejo muito pouco profetismo no modo como alguns docentes daquela Faculdade falam, por exemplo, das questões económi-

cas, valorizando de tal modo o aspecto técnico que a dimensão profética desaparece completamente. São dois riscos que tanto eu, enquanto leigo, como qualquer padre temos de evitar.
Não sei se não valerá a pena pensarmos este tipo de coisas para vermos se daí decorrem certo tipo de exigências para a vossa formação. Vejamos: hoje vocês estudam na UCP. Então, que fazem no Seminário? Claro que vivem em comunidade; mas é só isso? Há muita coisa que a Universidade não dá na formação específica para o sacerdócio ministerial, e que só outra instituição poderá dar. Que é isso? Só a vida comunitária?

CARLOS ROSMANINHO - Acho que isso é realmente um desafio. Na medida em que os leigos estudam igualmente a teologia, põe-se a questão da especificidade do padre e da sua formação.
Parece-me que a vida comunitária é realmente importante porque é nela que aquele que se prepara para ser padre faz a experiência do mistério central da fé, o mistério pascal. Penso, pois, que o primeiro dado a ter em conta na formação do padre é esta experiência forte do mistério pascal, feita numa vida dedicada à oração e à Palavra. Essa "Palavra" não se refere apenas à Sagrada Escritura mas também à leitura dos "sinais dos tempos", que é feita de modo diferente por um leigo e por aqueles que são padres ou se preparam para o serem.

ANTÓNIO MARTINS - Queria tomar este aspecto da "atenção à Palavra": não apenas à Palavra revelada nas também à palavra humana, entendida como discurso da cultura e das linguagens do nosso tempo. Graças a Deus que um aspecto positivo que encontrei nesta casa foi o incentivo à atenção à palavra (às palavras) da cultura. Penso que a nossa formação hoje passa muito pelo saber dialogar com os homens do nosso tempo - e isso significa entender as diversas linguagens: a da literatura, a da ciência, a da arte... Claro que isto é muito específico, mas é importante que, tanto quanto possível, possamos ter sensibilidade à palavra dos homens de hoje, porque só assim se pode transmitir a Palavra revelada em linguagem do nosso tempo. Isso foi uma coisa muito positiva que esta casa me deu! Recordo, nomeadamente, as nossas quartas-feiras, sempre com a preocupação de trazer alguém "de fora" que nos pusesse em confronto com uma experiência cristã diversa do discurso científico e técnico que caracteriza o ensino da Teologia na Faculdade. Julgo que, neste aspecto, a nossa casa marca pontos!

CÓN. ORLANDO - Quanto à espiritualidade, que é outra dimensão da formação sacerdotal, julgo que ela é a de qualquer cristão: viver segundo o Espírito e avançar o mais longe possível nesse caminho. Mas, claro, os que se

destinam ao sacerdócio são chamados a identificar-se de modo especial com Cristo-Sacerdote, de maneira particularmente séria e exigente. Como qualquer cristão, devem cultivar uma amizade pessoal a Jesus Cristo mas, de acordo com a exigência actual da Igreja latina, o celibato leva-nos a viver com um coração indiviso (enquanto o leigo é levado a viver essa relação com Cristo de modo diverso: através do amor conjugal, por exemplo...). Não encontro outras palavras para falar da espiritualidade!

Desculpem agora que, sendo director espiritual, fale de outra coisa. A propósito da importância que, segundo o Martins, o Seminário tem dado à cultura, eu concordo mas interrogo-me se não teremos estado a dar importância exclusivamente a um tipo de cultura: a intelectual, a universitária. Também um operário tem cultura, e nós não estamos muito abertos a esse tipo de cultura! Não estamos, sequer, muito abertos aos valores do meio rural, do qual muitos de nós provimos!

Mas, acerca do que se faz no Seminário e que é diferente daquilo que a Faculdade dá, eu penso que é esse aspecto da oração e da Palavra. É através da oração e da contemplação da Palavra que se radica, cresce e aprofunda esta relação pessoal com Cristo, que tem de ser a condição de toda a vida do padre, o homem de coração indiviso. Isso é muito importante, não só para os primeiros anos do ministério (quando estamos cheios de entusiasmo), mas, sobretudo, para quando começarmos a perceber que as coisas não mudam assim tão depressa como imaginávamos. Também vivi a embriaguez do Concílio e, afinal, as coisas não mudaram tanto como queríamos! Há muita coisa que não mudou ainda e, se tivéssemos ficado apenas atrás desse entusiasmo, há muito teríamos desistido. Se isso não aconteceu, tal deve-se a esta relação pessoal com Jesus Cristo, com Quem nos identificamos.

Há ainda uma última coisa que quero dizer: continuo a maravilhar-me que, nesta época e neste mundo marcados pelo materialismo, pelo consumismo e pela superficialidade, continue a haver gente que queira ser padre!

ANTÓNIO MARTINS - Gostava que desenvolvesse melhor o aspecto da pouca atenção dada no Seminário à cultura do meio operário e do meio rural...

CÓN. ORLANDO - Penso que temos uma cultura, em certo sentido, elitista! O operário tem a sua própria cultura e nós, parece-me, apenas nos identificamos com uma cultura de "élite". Esquecemos o nosso ponto de partida e identificamo-nos com a cultura de nível universitário e, a partir de certo instante, já nem conseguimos comunicar com pessoas do meio rural ou operário. E essa gente tem uma cultura que nós desconhecemos!

BRUTO DA COSTA - Julgo que isso é fundamental! Não tenho ideias claras, mas o que me parece é que, por um lado, é necessário que o padre acompanhe a cultura (erudita) do seu tempo e, por outro, que isso não lhe tire a capacidade de comunicar com todas as pessoas, qualquer que seja o seu grau de elaboração de cultura. E isso é que é difícil! Mas parece-me que a Igreja tem encontrado ultimamente o caminho da solução. Recordo que há uns trinta anos, quando comecei a estudar a doutrina social da Igreja, havia uma confusão muito grande entre o que era doutrina e o que era filosofia. Hoje é claro que as últimas encíclicas radicam muito mais directamente na Escritura, socorrendo-se muito pouco de princípios filosóficos. Isso faz com que toda a gente, qualquer que seja o seu tipo de cultura, perceba a mensagem. Nesse sentido, a libertação do pensamento eclesial duma certa elaboração filosófica vem facilitar bastante as coisas.
A propósito, julgo que a questão frequente de se saber se há ou não métodos diversos de evangelização para os chamados "mais cultos" e os "menos cultos", é capaz de ficar resolvida, pelo menos em parte, se formos capazes de ser radicais, isto é, despidos de qualquer elaboração. Quanto mais elaboramos, mais nos distanciamos dos princípios de que partimos.
Por outro lado, admito que haja padres mais vocacionados para os meios rurais, outros para os meios operários e outros ainda para os meios de cultura erudita. Também podem ser ramos de especialização pastoral.

TOLENTINO - *Como leigos, que valores é que o Eng. Bruto da Costa e a Maria acham que devem caracterizar a formação dos que são chamados para este serviço na Igreja?*

MARIA CARLOS - Há pouco o Martins falou em Seminários paroquiais. Em princípio pareceu-me logo que não! Quando vejo que vocês ao fim-de-semana têm actividades nas paróquias, acho isso importante. Eu compreendo essa vossa vida agitada - terem de passar por paróquias e movimentos - e parece-me que isso é muito importante.
Eu trouxe um texto de que gosto muito: ***"Os cristãos não se distinguem dos outros homens nem pelo país, nem pela língua, nem pelo vestuário; não habitam em cidades especiais; não usam qualquer dialecto extraordinário; o seu género de vida não tem nada de singular; não é à imaginação ou aos sonhos de espíritos agitados que se deve a descoberta da sua doutrina; não procuram, como tantos outros, ser os campeões de uma doutrina humana; estão espalhados pelas cidades gregas e bárbaras, segundo a sorte de cada um; conformam-se com os usos locais quanto ao vestuário, à alimentação e maneiras de viver, manifestando, no entanto, as leis extraordinárias e***

verdadeiramente paradoxais da sua vida espiritual; residem cada um na sua pátria como cidadãos estrangeiros: toda a terra estrangeira é para eles uma pátria, e toda a pátria uma terra estrangeira; passam a sua vida sobre a terra, mas são cidadãos do céu".

Isto leva-me a pensar que o importante para o seminarista não é ser, assim, um "tocador de muitos instrumentos": isso não é nada, porque geralmente saem todos mal tocados!

Acontece que os meios de comunicação social nos enchem também de mil e uma informações! O padre não tem de ser uma enciclopédia, mas sim uma pessoa informada e interessada; não pode dar-se à ignorância de acontecimentos e situações, porque passa a vida sobre a terra e esta é lugar onde estamos: ainda que a meta a alcançar seja outra, é aqui que a gente se situa!

Parece-me que é difícil exigir a alguém que concilie linguagens! É também uma questão de vocação: há gente que consegue estar com uns e gente que está melhor com outros! E isto também é o bonito da vida comunitária!...

Por outro lado, não me parece possível dizer qual é o ideal de padre! Nem sei se existe... porque Nosso Senhor Jesus Cristo realmente não se pode captar duma vez. Por isso é bonita a pluralidade que Ele conseguiu!

Para terminar, gostaria de dizer uma poesia de Frei Morão (dominicano):

"Eu sou de Deus o alaúde
a corda que Ele tocou
para dizer que o longe é perto
e o perto nos amou"

Acho que o estar, o ser coerente, o fazer de Jesus Cristo o amigo mais próximo e o único é um sinal muito grande que nós temos!

CÓN. ORLANDO - Eu volto atrás só para dizer, chamando de novo a atenção para a cultura do homem não letrado, que isso não significa que não seja um problema muito importante para a Igreja de hoje em Portugal o diálogo com a cultura universitária, que se processa, em certo sentido, à margem da Igreja. É importante que os animadores espirituais dos cristãos, que são os padres, aqueles que estão ao serviço dos cristãos através do ministério sacerdoal, sejam hoje também capazes de dialogar com a cultura. Queria precisar isto, não fosse entender-se que eu minimizasse o diálogo com a cultura universitária - acho que ele é, de facto, muito importante. É mesmo um dos problemas mais sérios da Igreja em Portugal!

CARLOS ROSMANINHO - Estava a recordar-me de tudo o que foi dito até agora, e uma das coisas que salta à vista, e que é uma forma comum de estar do clero (pelo menos foi-o no passado), é o sítio onde vivemos; este casarão não

possibilita nada o diálogo com a cultura; os casarões dos nossos bispos, ou até de alguns padres, não aproximam, até afastam, ou, pelo menos, criam barreiras. Outra coisa é o facto de a comunidade ser muito grande. O padre ou o futuro padre é homem. E uma das coisas importantes da vida comunitária é a possibilidade de descobrir o humano. Isto constrói-se muito no sairmos de nós mesmos e desabrocharmos. Neste caso concreto, ser uma casa mais acolhedora, pobre ou modesta, é importante para que haja acolhimento e também para que nós possamos comunicar para fora.
Isto parece-me importante e parece-me que no futuro as coisas terão de ser assim. É o que eu sonho! Mas tudo isto passa pela consciência que os leigos vão tendo de si mesmos e da vocação e missão pessoais. São eles que vão ajudar os padres e futuros padres a dar estes passos que são importantes!

TOLENTINO - *É possível falar dum perfil de padre para o mundo de hoje?*

CÓN. ORLANDO - Houve um tempo em que, sendo eu assistente da Acção Católica, nós renunciávamos a pedir às pessoas o perfil do padre, pedindo antes que pensassem em padres concretos que conhecessem e avançassem, então, para as qualidades do padre ideal, porque o padre ideal é abstracto, é capaz de não existir.

BRUTO DA COSTA - É sempre muito difícil! Corremos o risco de realçar aspectos que são importantes no meio urbano e não o são no rural, etc... Parece-me, entretanto, que há duas exigências centrais em qualquer padre.
Uma é que seja alguém que a gente sinta que disse como Pedro: "Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo!". Quer dizer, parece-me fundamental que o padre diga isso de modo eloquente e de uma forma existencial!
Segundo ponto: é uma ideia que formulo com a palavra consagração. O padre é alguém que é consagrado e que é mediador de consagração da comunidade e do mundo. Penso que, em certo sentido, nós captamos isto quando lidamos com um padre. Em que medida é assim? Do ponto de vista pastoral, diria que desejo ver no padre alguém que suscita o aprofundamento da fé da comunidade e não alguém que se limita a "gerir" essa fé!
Mas não sei como é que isto se liga com o seguinte aspecto: costumo dizer que nós, cristãos, para que possamos exercer um certo juízo crítico em relação ao mundo, à luz da fé, não podemos estar identificados com o mundo porque perdemos a capacidade crítica. Agora, distanciamento em relação ao mundo não significa afastamento. Estou a falar do leigo: ele tem de estar no mundo, mantendo esse distanciamento que permite o juízo crítico sobre o mundo.
E o padre? Á primeira vista parece que deve manter um distanciamento ainda

maior, pois a sua função é, de certa forma, a de alguém que, por um lado, tem de saber ler os sinais dos tempos - "o homem é o caminho da Igreja", diz João Paulo II - mas, por outro, deve deixar transparecer de forma mais clara os critérios da fé! Isso implicará ou não um distanciamento em termos de estilo de vida ou é só um problema o múnus em si? Não sei!

CARLOS ROSMANINHO - Acho engraçado que estas coisas aconteçam sem estarem programadas e o Espírito Santo anda muito por fora dos nossos programas. Ainda há pouco se falou aqui do padre que falava mais e melhor das coisas do mundo, isto é, que falava com competência das coisas "profanas" e o senhor engenheiro acabou por falar mais da fé. Acho engraçado que, sendo próprio do leigo a condição secular, ele também sinta a sua dimensão eclesial: está no mundo mas está na Igreja. Com o padre também acontece o mesmo: se trabalha mais na comunidade e a sua preocupação primeira é fazer desabrochar e crescer essa comunidade, testemunhando a fé e servindo naquilo para que foi ordenado, isso não significa que ele não está no mundo, que não possa ter competência no mundo. Talvez haja um tempo em que as pessoas são mais interpeladas ora por um aspecto, ora por outro! Acho que isso nunca estará muito definido no papel. É engraçado que nas "Normas Fundamentais" está lá uma teoria, mas na prática temos que auscultar, pois é o Espírito que há-de encaminhar e fazer surgir o padre "mais assim ou mais assado", que aprofunda mais este ou aquele aspecto!

TOLENTINO - *Em Novembro passado, o CRC realizou um colóquio sobre "As mulheres na Igreja", e um dos aspectos focados por essa reflexão como carecidos de mudança foi a formação dos seminaristas e do clero em geral, de modo a proporcionar uma visão actualizada do modo de ser mulher e das suas implicações na sociedade e na Igreja. Gostaria que comentassem este aspecto.*

MARIA CARLOS - Não separo muito a situação dos leigos da das mulheres dentro da Igreja. Eu estive a secretariar esse grupo e lembro-me que fizemos um inquérito e o resultado foi bastante estranho, porque a maioria das mulheres não se sentia marginalizada dentro da Igreja. Por outro lado, muitas delas diziam que se tinham retirado da Igreja porque achavam que esta não as tinha acompanhado, que a sociedade tinha dado uma abertura maior à mulher, enquanto a Igreja tinha limitado a própria reflexão feminina. Por isso, quando se pergunta qual a formação que os seminaristas devem ter, na opinião das mulheres, não sei propriamente se haverá uma formação específica.
O que me parece é o seguinte: na Igreja, realmente, ainda andamos à procura do sítio! Há leigos que não sabem qual o seu papel na construção do Reino e

padres que, provavelmente, também não o sabem. E baralham-se as coisas. Acho que a consciencialização que se está agora a dar é importante, na medida em que começamos a esclarecer-nos, a sabermos que somos todos importantes, mas só na medida em que os outros existem.
Há um percurso histórico da Igreja que nem sempre é agradável, e no qual se fez o tal Seminário desconhecido, a mulher foi considerada o "objecto mauzinho" desta caminhada, etc... Foi uma história que teve as suas asneiras! E uma das coisas que este documento diz é que "entre as coisas que é importante mudar na Igreja em Portugal, está uma concepção antropológica que leva a identificar o sexo com o mal e a ver na mulher uma ocasião de pecado; uma concepção mítica da mulher, a qual, sob a aparência duma sublimação do papel da maternidade, de facto, considera a mulher predominantemente na sua função reprodutora". No meio disto tudo, a mulher tem sido considerada a última. E não é uma questão de ser o último (Jesus Cristo disse que os "os últimos serão os primeiros"!) mas de, com isso, a Igreja ficar mais pobre e a formação dos padres também ficar a perder. Acho que estas questões colocadas no Colóquio não dizem respeito apenas às mulheres mas à Igreja no seu todo!

BRUTO DA COSTA - Evidentemente que tudo é problematizável - e às vezes isso é importante, porque é uma forma de aprofundar.
O que penso, porém, é que, de tempos a tempos, é preciso sistematizar alguma coisa: nem a Igreja nem o mundo podem viver numa total problematização de tudo! Isso leva à loucura! Parece-me que o tempo conciliar e pós-conciliar foi marcado por essa problematização e, nalgumas coisas, valerá a pena fazer hoje alguma sistematização, para permitir o avanço.
Lembro-me de um artigo de um teólogo psicólogo, vindo há alguns anos na revista Concilium, no qual se dizia que uma pessoa que não tenha fases de expansão acaba por desintegrar-se. O importante é vermos se, mesmo a título provisório, não haverá algo que possamos integrar. Por isso é que a minha intervenção tem sido despida do carácter de problematização, para tentarmos sistematizar o possível.
Quanto às mulheres, eu sou insuspeito: fiz parte de um governo do qual o primeiro-ministro era uma mulher! Julgo que a Igreja, em parte, reflecte os problemas que a sociedade tem e, quanto às questões que se têm levantado, sei que estão a ser estudadas por peritos e não tenho nenhuma competência para falar do assunto. Se quiserem saber o que a minha intuição diz, o que me parece é que ainda não vimos todas as implicações da criação do homem e da mulher, segundo o Génesis. Quando o problema se coloca nesse plano, parece que todos os outros perdem força. Os dois, homem e mulher, são imagem de Deus - e não é possível que um, sendo imagem de Deus, tenha acesso a algo ao qual a outra

"imagem" de Deus não pode aceder. Custa-me compreender isso, mas não sei! Claro que há as divergências biológicas e psicológicas - mas não sei se aqui se passa algo de semelhante! Porém, não sou capaz de ver que haja duas imagens de Deus com possibilidades diferentes de representar Jesus Cristo! Até em relação aos ministros extraordinários da comunhão, embora seja permitido que as mulheres tenham acesso a esse serviço na Igreja, sei que há certas figuras da hierarquia que preferem que não sejam as mulheres a distribuir a comunhão! E fazem recomendações nesse sentido! Tratando-se de pessoas com tanta autoridade, apesar de alguns as desculparem dizendo que se trata de opinião pessoal, parece-me que não podem falar dessas coisas em termos de opinião pessoal!
Há ainda uma outra coisa: é que Deus tem uma face materna - e essa face materna de Deus não existe no homem (sexo masculino) Isso é uma limitação! Em que consiste?

MARIA CARLOS - Eu não tenho resposta para isso! O que o tal grupo quis reflectir foi outra coisa: como é que iam as mulheres na Igreja, em Portugal? As mulheres são a maioria dos participantes na Eucaristia e, depois, o que acontece é que a voz destas mulheres não é tida em conta. Se formos a ver, a maior parte dos catequistas são mulheres: como é que elas participam na elaboração dos catecismos? Este, por exemplo é um aspecto importante! Foram coisas como estas que foram vistas...

BRUTO DA COSTA - Uma coisa interessante é que Nossa Senhora tem uma função mais importante na Igreja do que Pedro, os papas ou os bispos! Em termos teológicos, a grande guerra acerca do papel da mulher na Igreja é a ordenação! Acha que as mulheres que seguiram na Igreja o modelo de Nossa Senhora são tão faladas como aquela mulher anglicana que foi ordenada bispo? Porque é que isso acontece?

MARIA CARLOS - Acho que a atitude de muitas mulheres em relação à Igreja tem a ver com a imagem de Maria que lhes transmitiram. Não posso esquecer que, nas minhas idas a Fátima, ao ver a imagem que era transportada, perguntava: "mas que mãe de Jesus é esta, com um ar de quem não é capaz de saber nada?! Tão frágil, tão frágil, que,de certeza, não assistiu à morte do Filho!" A Maria do Evangelho, pelo contrário, parece-se com as nossas mães: antecipa-se em Caná, entende a morte e a ressurreição de Jesus, compreende o que é ser mãe - isto é, tem capacidade de ser também a mãe dos outros!

TOLENTINO - *Como é que temáticas como estas - um pouco marginais ou de*

fronteira: as mulheres, os pobres, etc... -têm a ver com o Seminário e a formação dos padres?

BRUTO DA COSTA - Uma das coisas que faz parte da minha ideia de padre é a de que é muito claro que hoje é necessário fazer uma opção preferencial pelos pobres: o padre que não o faça está em contra-corrente histórica, no que diz respeito à inserção da fé no contexto histórico. Assim, esta opção tem de ser hoje uma componente de toda a pastoral da Igreja e também uma opção de todo o padre.

ANTÓNIO MARTINS - Também concordo que essa opção. Mais do que estilo de vida, tem de ser uma tónica marcante do testemunho de ser padre. Não sei se o serei - mas tenho certo receio do que irá acontecer, já que me parece ser tremendamente tentador lidar normalmente com dinheiro. Por outro lado, grande parte de nós vem de meios rurais e, sendo padres e lidando com dinheiros, podemos ser levados a esquecer essa dimensão da pobreza e tentados pela ostentação (do carro, da alimentação,etc...).
Penso que é uma questão muito importante e tem muito de delicado e de sabedoria lidar com esta radicalidade de pobreza e de solidariedade com os pobres, que foi a opção de Jesus Cristo. É uma questão difícil, mas profética: grande parte da nossa credibilidade passa por aqui!

CARLOS ROSMANINHO - Hoje não tenho dúvidas de que a pobreza mais importante não é material mas a das Bem-aventuranças; mas, sem dúvida que para chegarmos a essa pobreza é necessário procurarmos viver nivelando a nossa condição de vida pelo nível médio/inferior do Povo de Deus. Não pelo valor em si, mas porque é instrumento de ajuda para descobrirmos o valor da pobreza evangélica e para promovermos os outros. Acho até que a Igreja, no seu Magistério, devia ser mais explícita: que isso seja dito e seja claro! Mesmo que a pobreza evangélica ainda não seja um valor vivido, que ela seja proposta como meio para promovermos o outro e exercermos a caridade. E, voltando ao que aqui foi já referido, talvez que um casarão grande como o nosso não seja o melhor espaço para fazermos essa experiência: é uma questão interessante para pensarmos, dialogarmos, rezarmos, descobrirmos e fazermos caminho.

TOLENTINO - *Em nome da Novellae Olivarum, agradeço a vossa disponibilidade para partilhar a fé e a experiência de Igreja. E que essa partilha sirva também para nos irmanar na experiência da fraternidade e nos tornar mais humanos em Jesus Cristo!*

CARDEAL CEREJEIRA:
PENSAMENTO, CORAÇÃO, E RELAÇÃO COM O PODER.

Três pequenas notas sobre o seu **pensamento**: O Cardeal Cerejeira integra-se perfeitamente no melhor da reflexão católica da primeira metade do século sobre as relações Igreja-Mundo. Nem negativo, obviamente, no sentido de entender, com todo o laicismo oito e novecentista, que o influxo cristão-católico é nocivo à vida pública das sociedades; nem meramente reactivo, como o ultramontanismo radical - da segunda metade do século passado aos integrismos mais próximos de si e de nós -, no sentido de condenar liminarmente qualquer autonomização da cultura e da política. O Cardeal Cerejeira mostrou-se sobretudo reafirmativo, isto é, preocupado em sublinhar a contribuição extremamente positiva do cristianismo para a vida do homem e das sociedades, em desfazer alguns equívocos ou deturpações da historiografia anti-católica e em propor insistentemente um novo congraçamento das inteligências e dos desígnios sociais com a verdade e a beleza do Evangelho. Para isso queria padres esclarecidos e convictos; para isso queria leigos bem formados e activos nos diversos sectores da vida pública.

Mas nada disto era simples esquema mental. Da primeira à última linha, os seus escritos estão impregnados de uma convicção, de um calor, que só o **coração** pode dar. Desde o princípio do seu episcopado, confidencia-nos uma relação viva, insistente, afectuosa com Jesus Cristo. Cristo-Verbo de Deus, concerteza, como verdade incontornável e definitiva; mas muito especialmente Cristo-Coração, Amor crucificado por cada um de nós, fonte constante de paz e apostolado.

A espiritualidade contemporânea insiste precisamente neste ponto da relação, do encontro pessoal de cada homem com Cristo ressuscitado. O Cardeal Cerejeira viveu-o exuberantemente: para si e para os seus leitores ainda hoje.

Aponta-se-lhe, por vezes, um senão: a sua **relação com o poder político**. É cedo para emitir um juízo global e definitivo. Mas há condicionantes gerais que devem ser lembradas. Geracionais, antes de tudo: o Cardeal Cerejeira viveu os anos dez e vinte deste século na liça da defesa da Igreja, violentamente atacada pelo radicalismo republicano. Ele, e outros, ganharam para a Igreja e as suas instituições - para a maioria do povo português e a sua alma, para usar uma expressão a seu gosto - o espaço que era legitimamente seu e lhe queriam

tirar. O Estado Novo, cujos chefes eram, em parte, seus antigos colegas de luta, propôs-se respeitar o catolicismo e fazer-lhe justiça: não se podia pedir ao Patriarca de Lisboa que não o reconhecesse e sublinhasse.

Depois os católicos tinham justa razão para temer dois perigos: o regresso ao parlamentarismo jacobino e os avanços do comunismo. Não eram quiméricos e o último, nos anos trinta, perseguiu feramente a Igreja em Espanha; como perseguiu no pós-guerra os católicos do leste europeu. Ora os simpatizantes de um e outro sistema entrelaçavam-se geralmente com outros resistentes ao Estado Novo, católicos até: situação natural, mas que fazia hesitar os nossos prelados em geral e o de Lisboa em particular na atitude a tomar face a esta ou aquela movimentação contra o regime. Neste contexto e tanto quanto se pode apurar por agora, o Cardeal Cerejeira tomou dois tipos de atitude: a defesa teórica e pública da autonomia da Igreja e dos seus movimentos face ao Estado; a intervenção particular junto das instâncias do regime nalgum caso mais clamoroso de atentado aos direitos deste ou daquele cidadão. Não lhe cabia mudar o regime, mas apelar para a consciência dos seus homens.

Mas, sobre este assunto, a escassez da informação concreta faz ainda prematuro qualquer juízo.

Cón. M.Clemente

RECORDANDO OS MEUS ANOS DE SEMINÁRIO

no tempo do Cardeal Cerejeira

É com muito gosto que, em resposta a um pedido da direcção da revista *Novellae Olivarum*, faço aqui uma breve evocação do Cardeal D.Manuel Gonçalves Cerejeira nas suas relações com os Seminários Diocesanos, a partir das minhas recordações pessoais, primeiro como aluno (1939-51) e depois como professor (1955-68).

Embora tenha sido crismado pelo Cardeal Cerejeira, na minha freguesia de naturalidade (Assentis, Torres Novas), em 14 de Julho de 1935, por ocasião de uma Missa de Ordenações, que lá se celebrou a título muito excepcional, foi só a partir da minha entrada para o Seminário, em 1939, que a sua personalidade começou a fascinar-me.

D.Manuel Cerejeira costumava visitar periodicamente os seus Seminários (Santarém, Almada e Olivais). Às vezes (com relativa frequência), para

uma visita rápida. Era mesmo possível que entrasse discretamente numa aula, pela porta do fundo, sentando-se lá atrás, sem que os alunos se apercebessem logo da sua presença. Outras vezes, instalava-se nos Seminários, para uma visita mais prolongada, fazendo então vida com a "comunidade". Nestas ocasiões, recebia um a um todos os seminaristas que desejassem falar-lhe. O que eram esse encontros individuais com o prelado, trona-se impossível dizê-lo. Mas, por mim, posso confidenciar que num deles se resolveu o problema da minha vocação, numa altura em que hesitava entre o ministério pastoral e a profissão religiosa.

Mas, tanto nas passagens rápidas como nas estadias mais prolongadas, o Pastor fazia questão de falar aos seminaristas, ainda que para isso fosse necessário suspender alguma aula (o que muito nos agradava...). Dessas suas palestras, ficou-me a impressão que em nós causava o tom afectuoso, mas firme, das suas considerações. A exposição era calma; mas, aqui e ali, subia de tom, apoiada num gesto que, sendo rápido, não perdia a elegência, ora para exaltar o amor que ardia no Coração de Jesus Cristo, ora para nos entusiasmar a corresponder-lhe com uma entrega total, no arrebol da manhã da vida. A evocação do "Amor Formoso", que é Jesus Cristo, constituía, na verdade, um dos temas mais queridos do Cardeal Cerejeira, nas suas falas aos seminaristas, para os levar a abraçarem com entusiasmo o ideal do celibato sacerdotal, numa consagração total "por causa do Reino dos Céus" (Mat.19,12).

De que mais nos falava ele? Por vezes, de questões muito simples. Lembro-me da sua insistência na importância da pontualidade na vida paroquial. Ele dizia que um padre sem respeito pelos horários estabelecidos para os serviços pastorais arrastaria inexoravelmente a sua paróquia para o abandono da prática religiosa.

Outras vezes, falava do amor ao estudo, e até da arte de estudar ou, simplesmente, de ler um livro. A este propósito, ele acautelava-nos de um estudo puramente livresco, nomeadamente no âmbito da teologia, que ele pedia fosse estudada com o coração, e mesmo de joelhos, transformando-a em oração. É publicamente conhecida a sua aversão a títulos académicos nos padres. Não foi por acaso que só a partir de 1951 começou a ser normal enviar sacerdotes do Patriarcado para universidades estrangeiras, a fim de se formarem em ciências eclesiásticas...

Outra advertência frequente nos colóquios do Cardeal Cerejeira com os seminaristas era a denúncia do perigo da mediocridade na vida sacerdotal. Quantas vezes lhe ouvimos citar aquela acusação de um conhecido autor italiano, contra os padres: "Não me queixo das vossas faltas graves, mas da vossa mediocridade"... Ele queria padres a arder no amor a Cristo e aos homens: não

simples funcionários dos serviços públicos da Igreja, mas verdadeiros apóstolos da causa do Evangelho, dispostos a gastar-se no serviço de Deus e dos irmãos.

Isto leva-nos a aflorar uma questão que também era ponto obrigatório na boca do Cardeal Cerejeira. Ela talvez diga pouco aos seminaristas de hoje, 20 anos após o Concílio. Mas dizia muito aos seminaristas dos anos 40 e 50. É a respeito da nobreza espiritual da vocação sacerdotal do padre diocesano. Será preciso recordar que, nessa altura, os padres do clero diocesano ainda eram considerados um "clero de segunda", a meio caminho entre o estado laical e o estado religioso? O Cardeal Cerejeira não se cansava de afirmar que os membros do clero diocesano ou episcopal, embora não tivessem os três votos tradicionais da profissão religiosa, nem por isso eram inferiores aos membros do clero religioso, tanto no que respeita à dignidade objectiva do seu estado como no que respeita à exigência de santidade.

Vem a propósito dizer uma palavra sobre a maneira como o Cardeal Cerejeira via a relação entre a espiritualidade sacerdotal e o compromisso social do padre. Hoje em dia, nestes tempos pós-conciliares, é dado adquirido que a formação pastoral implica uma reflexão profunda sobre a dimensão socio-política da fé cristã. O tema merece, actualmente, um tratamento *pela positiva*, nos documentos normativos da Igreja para os Seminários. Mas, naquele tempo, a preocupação ia quase exclusivamente no sentido de acautelar os padres de compromissos demasiados terrestres. A experiência dos "padres políticos" (para não dizer "politiqueiros") do final da Monarquia e dos primeiros anos da República era mais que suficiente para recomendar aos padres uma grande isenção nesta área. Não é, por isso, de estranhar que a formação nos seminários se fizesse, então, mais *pela negativa*. Era essa a perspectiva do Cardeal Cerejeira. Ele queria padres politicamente isentos; padres que não fossem nem da esquerda nem da direita, mas unicamente de Jesus Cristo e da Igreja, acima das vicissitudes da política partidária.

O Cardeal Cerejeira sonhou com um novo tipo de padre, conforme se deduz das muitas páginas que são dirigidas ao clero, nas sua *Obras Pastorais* e noutros escritos. Para isso, restaurou o Seminário de Santarém (1941) e abriu os Seminários dos Olivais (1931) e de Almada (1935). Restaurou e construiu edifícios; mas, sobretudo, deu-lhes um espírito novo - aquele ideal de homem, cristão e padre que transparece nos princípios fundamentais do Estatuto por ele preparado para o Seminário Maior.

Con. João António de Sousa

DECRETO DE FUNDAÇÃO DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS

Vai fazer-se, no próximo dia de Todos os Santos, a inauguração solene do novo Seminário Patriarcal dos Olivais, que ficará sob a invocação de Cristo Rei. É um acontecimento capital para a vida religiosa do Patriarcado. Nele pomos as Nossas melhores esperanças. O futuro religioso da Nossa Diocese depende principalmente dele. Em Santarém e nos Olivais, ficarão batendo todos os corações amigos de Deus que, diante dos males presentes, oram e sofrem para que o Senhor envie à sua Igreja Patriarcal um novo Pentecostes de santidade, por intermédio de muitos padres segundo o Coração de Jesus. Porque de padres sábios e santos depende essencialmente a cristianização das almas - digamos tudo, a salvação do mundo. Não há obra alguma cristã que equivalha em necessidade e importância à obra dos Seminários. Nenhum católico verdadeiro deverá desinteressar-se dela, certo que, ajudando-a, está trabalhando da maneira mais eficaz na obra da reedificação da Igreja em Portugal.

Recomendou-no-la expressamente o Santo Padre, como a obra das obras.

E, em obediência ao conselho do Vigário de Cristo, aliás concorde com a Nossa própria convicção, é que Nós, contando apenas com o auxílio da Providência e fazendo um acto de confiança nos católicos do nosso Patriarcado, pois a Igreja, espoliada de todos os bens, vive exclusivamente da sua generosidade), não descansámos enquanto não dotámos a Diocese principal do País com um Seminário-maior, que muito desejaríamos fosse o primeiro de Portugal.

É, pois, um dia excepcionalmente festivo o próximo dia 1 de Novembro. Temo-lo como uma das datas mais faustas do Nosso governo episcopal, por mais longo que ele seja.

E não queremos que ele passe, sem o levar ao conhecimento do Nosso Amado Clero e queridos fiéis, pois, constituindo todos uma família, de que, pela graça de Deus, somos o Pai em Cristo, devem ser comuns as alegrias como as tristezas. E esta alegria que lhes anunciamos, é uma das maiores que podemos ter na nossa vida. Desejaríamos vê-los a todos, nesse auspicioso dia, reunidos no novo Seminário, em torno do Nosso Báculo Pastoral, cantando connosco fervoroso hino de acção de graças pela obra começada e implorando de Deus o seu auxílio e o dos homens para levar a cabo a obra só com os olhos em Deus empreendida.

Que ao menos os que não puderem ir se unam connosco, na Missa e Sagrada Comunhão desse dia, formando todos um só coração.

Dada em Lisboa, aos 29 de Outubro de 1931

EM MISSÃO...

Depois de muitos anos totalmente dedicados aos Seminários e particularmente ao nosso Seminário dos Olivais, o Cón. Carlos Paes foi chamado a servir a Igreja de outra maneira.

Na homenagem simples (não é essa uma das características mais autênticas da verdade?) que lhe fizemos, o Pe. João Borga e o Vitor Gonçalves emprestaram a sua voz à memória agradecida do Seminário.

A Novellae faz suas as palavras que tão bem souberam exprimir o sentir de todos.

E aqui as transcrevemos. Para nos revermos nelas. E, assim, alimentarmos a memória do caminho.

Não sei que chamar a estas pequenas e curtas palavras! Elogio? Agradecimento? Talvez não lhes chame nada porque a amizade é feita mais de silêncio e de uma construção comum que não precisa de títulos para ser real.

Vivemos hoje num tempo todo orientado para o futuro e para o novo mas, muitas vezes, perdemo-nos nas belezas fátuas do caminho e esquecemo-nos de fazer memória. É preciso continuarmos a escrever o Evangelho, ou melhor, os Actos dos Apóstolos! Hoje, em nome pessoal e desta comunidade quero também inscrever na memória desta casa uma simples palavra em honra de alguém que se lhe consagrou inteiramente e dela fez a "grande paixão" da sua vida.

Acertou, Pe. Carlos, pois entregou o seu coração ao "coração da diocese" que é o Seminário e dele fez o seu tesouro. Tesouro transportado na fragilidade da construção quotidiana e partilhado na alegria clara e serena da força criadora do Espírito Santo.

Padre Carlos... (desculpe-me, mas nunca me deu jeito tratá-lo por Cónego e, se me permite, não o farei também hoje pois "padre" diz melhor aquilo que é: mestre, pastor e amigo). Aliás, é assim que o conhecemos: "o Padre Carlos"! O Padre Carlos deste sonho constantemente renovado em cada ano que iniciávamos, do constante apelo a uma comunhão de vida

solidificada na oração e na fraternidade, da criatividade fecunda que era sementeira de projectos e já realidades pastorais. De si recebemos o apoio do mestre que constantemente se vai actualizando e aprofundando, numa partilha feliz desses tesouros encontrados, e também o espírito do pastor, atento aos que lhe estão confiados, esforçando-se por ser, para nós, imagem fiel do Bom Pastor. Mas, fundamentalmente, ficou-nos o amigo, aquele que se faz próximo. Porque soube ser o Pe. Carlos dos passeios, dos tachos e das panelas (que rica ideia a da panela de pressão!), das refeições atribuladas (tanto "pão e coisas" que partilhámos!), dos banhos em águas desconhecidas, da Arca de Noé e do saco-cama em chão rijo, dos slides (quem não se lembra das famosas sessões de quarta-feira?), dos filmes e livros longamente partilhados e revividos, das longas conversas no parque, no gabinete ou num fim de tarde na Caparica, e em tantas outras coisas onde nos transmitia o amor pelo Reino. O senhor ensinou-nos que ser padre é ser próximo. Como Cristo, é partilhar a vida confiando-a nas mãos dos outros, pois é aí que ela fecunda verdadeiramente. Muito obrigado por tudo.

Mas toda a memória é também projecto. E estas palavras, que não são suficientes para traduzir toda a riqueza que o Pe. Carlos é e deu ao Seminário ao longo destes anos (em Almada e nos Olivais), levam em si o desejo do futuro na sua nova missão de pároco da comunidade de S.João de Deus. Nela desejamos que continue como peregrino de Deus que nos ensinou a ser, bom pastor e amigo que se faz próximo de todos e em todos coloca confiança. Como S.João de Deus.

O Seminário dos Olivais guardá-lo-á sempre como construtor desta comunidade porque aqui o início é cada dia, e em cada dia o Espírito Santo vem recriar a vida entre nós para a levarmos às Igrejas a que pertencemos, e foi esta atitude de abertura que o Pe. Carlos inscreveu nos nossos corações. Sabemos que continuará a amar muito os seminários e a ter um carinho muito especial pelos "rebentos de oliveira" que aqui se desenvolvem: eles são a "alegria da messe".

Que o Senhor da messe lhe conceda sempre essa alegria confiante no serviço de amor à Igreja e aos homens. Ontem, neste Seminário dos Olivais, hoje em S.João de Deus, amanhã e sempre... onde ele quiser.

Vitor Manuel Fernandes Gonçalves
Seminário dos Olivais, 8 de Novembro de 1989

Novellae Olivarum
leia e assine

A primeira vez que ouvi falar do Sr Pe. Carlos foi quando terminei o estágio de admissão ao Seminário de Santarém, em Agosto de 1962. Tinha eu 10 anos. Minha mãe, no seu entusiasmo de fé em atitude pedagógica, descreveu-me a grande festa da Missa Nova de um senhor padre muito novo e bem parecido, que era da vila, filho do Sr Veríssimo, e que era um grande dom de Deus à nossa querida Igreja.

Só três anos depois, quando passei de Santarém para Almada, viria a conhecer o padre de que a minha mãe me tinha falado com tanto entusiasmo. Talvez fosse por isso que, desde os meus 13 anos, procurei estar próximo, sempre que podia, do Sr Pe. Carlos: oferecia-me para actividades ou tarefas onde estivéssemos juntos. E tinha a sorte de, muitas vezes, ser ele próprio a escolher-me. E fixei muitas coisas, pequenas mas importantes, do nosso convívio no dia a dia do Seminário e até nos tempos de férias: foi o senhor que me ensinou os primeiros acordes de viola. E foi na sua viola que aprendi. Pouco tempo depois de ter começado, o senhor entregou-me uma lista de cânticos para eu acompanhar numa celebração com as Equipas de Nossa Senhora: "mas eu não vou ser capaz!" - dizia-lhe aflito. "Olha, desenrasca-te", respondia-me o senhor. E pronto! Não tive outro remédio senão aprender aquilo o melhor possível...

Foi com os seus patins que aprendi a patinar, e na sua "peugeot automática" comecei a andar em veículos motorizados. Lembro-me muito do pequeno mundo jornalístico do "Dimensão 7", que o senhor fundou e dirigia. Consigo aprendi o entusiasmo de passar ao stencil os editoriais, as crónicas, as entrevistas, as reportagens, enfim, as preocupações e interesses que vivíamos em Almada. Para aquela pequena equipa de jornalistas de 15 anos, cada edição era uma aventura nova que atingia o seu apogeu na noite da tiragem: enquanto uns desenhavam os títulos e outros davam os últimos retoques nos artigos, o senhor ia batendo nas teclas os artigos que um de nós lhe ditava. Estávamos sempre à espera que o senhor carregasse na tecla errada para o ouvirmos nas suas originais jaculatórias bravas, que provocavam as gargalhadas descompressoras... Cada jornal era acolhido como um recém-nascido, o que obrigava a um brinde festivo no seu quarto.

Gostava de recordar outros momentos inesquecíveis do convívio que o senhor tão bem sabia desenvolver connosco em actividades como os circuitos de bicicleta a Aveiro, às praias do Oeste, ao Algarve, conctactando outros seminários e comunidades. O senhor, numa mobilette supercarregada de tendas e

mochilas, era o responsável por um pelotão de 10 ciclistas que lhe desapareciam da vista nas grandes descidas e o deixavam em pânico, temendo encontrar-nos a todos enfeixados numa curva...

Mas estes foram os tempos de Almada - e aí já o senhor teve uma merecida homenagem. Passemos aos Olivais. Em 1972, depois de esperarmos três anos, passámos de Almada para os Olivais e o senhor veio connosco. Éramos 7 e juntámo-nos ao Armando Duarte, ao Felício de Viseu, ao Adelino de Bragança e ao Rito Pereira. Com o Sr Reitor e o Pe.Vicente íamos dar início a uma nova etapa na vida desta casa. Éramos poucos mas cheios de entusiasmo. Costumávamos cantar o hino que dizia: "Cá vai a malta da Quinta do Cabeço; dizem que está no fim, mas vai agora no começo!..." A frota do Seminário era composta por uma carrinha, o carro do Sr Reitor (um mini) e a motorizada do Sr Pe.Carlos. Ocupávamos os quartos do primeiro andar, só até às casas de banho, e organizávamos todos os dias uma excursão à ponta de lá do Pavilhão B onde, no terceiro andar, o Sr Teixeira nos servia um cafezito... Não havia tradição nem comunidade. Era preciso sonhar e concretizar o seminário pastoral onde se formassem os futuros padres. O Sr Pe.Carlos teve aqui um papel fundamental participando inteiramente na nossa vida, fazendo caminho connosco: inscreveu-se na Faculdade de Teologia e passou a frequentar as mesmas aulas e a sujeitar-se aos mesmos exames. Era um aluno exemplar, quer na assiduidade, quer na atenção; prestava sempre muita atenção; até mesmo quando adormecia (e neste pormenor só de vez em quando era batido pelo Seabra ou por mim), o senhor sabia aguentar-se firme e sereno durante o sono e, ao acabar, apresentava ao professor uma questão que vinha a propósito. Connosco era estudante, para nós Vice-Reitor. Mas soube fazê-lo de tal modo que mais parecia um irmão mais velho (futuro colega de presbitério, como gostava de nos dizer) assumindo as funções do seu cargo de responsabilidade e de formador sempre com um entusiasmo, um espírito de servico, uma humildade e uma eficiência que nos convencia por contágio.

O senhor sabia estar perto de nós: não faltava a um jogo de Básquete, fazendo-se acompanhar até, algumas vezes, pelo Sr Reitor que era, aliás, um exímio marcador de cestos dignos não de 3 mas de 4 ou 5 pontos... No futebol, à falta de "quorum", jogávamos no pequeno campo de Andebol, quatro contra três, e só se podia marcar golos dentro da área. Aí o Sr. Pe.Carlos revelava-se um jogador cheio de recursos, tanto na baliza como à frente, acertando quase sempre na bola, com o pé esquerdo, mesmo que a proximidade perigosíssima do adversário o obrigasse a fechar os olhos. E nem sequer faltava, quando chovia, aos grandes desafios de bola na lama, até para nos dar o bom exemplo de

nos descalçarmos à entrada do edifício, pegando nas botas enlameadas e subindo as escadas em bicos de pés.

Na ponta de cada sonho, o senhor lá estava (surge-me aqui a imagem frequente dos diálogos que o víamos ter com a Sra D.Eduarda que foi a mãe desta comunidade nascente, exemplo vivo de fé, de servico, de oração, de alegria, que a todos marcou profundamente. Com o seu constante sorriso, a D.Eduarda acolhia com entusiasmo mais uma nova proposta de alteração ou uma iniciativa que o senhor lhe apresentava. Era preciso conquistar os espaços desaproveitados e dar-lhes vida: (a capela, as salas de arrecadação do terceiro andar, a cozinha velha, o bar que estava muito longe, a sala de Televisão, as cortinas, a varanda, a antiga biblioteca, etc.) as festas, os aniversários, as comemorações, as polémicas quartas-feiras, o acolhimento dos novos candidatos ao Seminário... Depois foi o 25 de Abril e os MRPPs que pediam para dormir cá, e a quinta que tinha que ser patrulhada, e os namoros com os guardas da PSP de Moscavide, para que de vez em quando dessem uma olhadela pela quinta a troco dum chãozito para couves. Foram as idas a Taizé, os retiros com a malta da Católica, a peregrinação à Terra Santa... O senhor estava sempre nas pequenas como nas grandes iniciativas. E aquela de ter convencido o Sr Pe.Vicente a tirar a carta de condução e a comprar um carro a meias consigo?

Tudo isso era feito num ambiente de partilha familiar, de corresponsabilidade, de grande proximidade. Quando chegávamos das actividades pastorais, às vezes já pela noite dentro, quase sempre víamos luz no seu gabinete e ao cimo das escadas a porta aberta a convidar-nos para dois dedos de conversa. Interrompendo o que estava a fazer, acolhia os nossos entusiasmos ou frustrações numa disponibilidade inesquecível. O seu gabinete era o ponto de encontro mais usado pela comunidade, depois da Capela e do refeitório: na época de exames, por exemplo, ninguém faltava ao café que a meio da manhã o Sr Pe.Carlos nos preparava. Qualquer novidade no gabinete, por mais pequena que fosse, constituía motivo para a festa: um bolo, um vaso de flores, um disco, uma chávena... e à festa se associavam, não raras vezes, o Sr Reitor, a Sra D.Eduarda, a Sra D.Rosária, o Sr Pe.Vicente: juntava-se a família toda... O senhor sabia criar um excelente ambiente de convívio descontraído onde o café era apenas o pretexto (alguns nem tomavam bica). E todos recebíamos a lição de acolhimento, de espírito de serviço à comunidade, de como se pode ser tão rico com coisas tão simples... A sua proximidade de todos, a sua amizade espontânea e simples, o seu sentido de responsabilidade, o seu espírito organizado e metódico, a sua perspicácia, os seus conhecimentos bem esquematizados que nos davam segurança e clarividência, e tudo isto

ao serviço de uma fé entusiasta e dum amor muito grande à Igreja, fizeram de si o motor da vida que marcou os primeiros anos desta nova fase do Seminário dos Olivais.

Entre as suas grandes preocupações estava a oração comunitária. Ainda não tinha sido editada a Liturgia das Horas (alguns dos meus colegas mais doutos deram preciosa colaboração na tradução dos textos). Mas o Pe.Carlos não se conformava perante tais carências: se não há, fazemos nós: foi assim que aprendemos de cor três versões do *Benedictus* e do *Magnificat*... Também na música litúrgica havia muito a fazer. O senhor Pe.Carlos entusiasmou-nos a aproveitar a boa vontade e muito saber do Sr Cónego José Ferreira que em pouco tempo formou um coro com todo o pessoal disponível. As celebrações, que eram acompanhadas à viola, foram ganhando outro ambiente, outra riqueza, porque começava a ser outra a música. Chegámos a ouvir tocar o órgão, e a utilizar algumas vezes o turíbulo... E o coro, de que todos faziam parte, até foi convidado a gravar uma cassete.

Outra preocupação constante que o Sr Pe.Carlos deixava transparecer era a nossa ligação à Igreja. Acompanhando de perto as nosssas actividades pastorais, trazendo ao Seminário padres e leigos que animavam as quartas-feiras, e fazendo-nos participar num importantíssimo espaço de amizade e partilha que jamais pode ser esquecido: a Arca de Noé. Aí convivemos com alguns bispos, padres e leigos. Nós éramos comissários de bordo ou imediatos e o senhor era o indiscutível comandante que fazia chegar a barca a porto seguro. A sua colaboração na pastoral diocesana foi-se alargando aos poucos: os retriros e recolecções, o Centro de Estudos Pastorais, o SAP, o Grupo de Pesquisas Audio-Visuais, a Rádio, o Jornal... tudo isso tornava mais rica a sua presença junto de nós e aproximava o Seminário dos mais diversos meios eclesiais.

Senhor Cónego, recomendaram-me que não demorasse esta conversa. Pediram-me que falasse e, em nome da amizade que lhe tenho procurei desenrascar-me como o senhor me ensinou. Aceite a pena que tenho de não saber dizer a admiração, o carinho, a gratidão que eu e os meus colegas sentimos em relação a si. Que esta festa dê ainda mais força ao entusiasmo e à alegria com que aceitou continuar a servir a Igreja de Cristo, agora como pároco. Peço a Deus que o encha sempre da Sua graça e que a vivência do seu sacerdócio continue a ser um estímulo e um exemplo para os muitos servidores de que a Igreja precisa.

Tinha ainda muito para contar... mas fico à espera de que, perante o sucesso do meu discurso, me convidem novamente para falar na homenagem que estamos a pensar fazer-lhe nas suas bodas de ouro da tomada de posse da paróquia.

O ano pastoral

Como já vai sendo hábito, caros leitores, eis mais um espaço para partilhar convosco aquilo que fomos e vivemos ao longo de mais um ano de vida.

Foi o 57º ano do Seminário dos Olivais.

Iniciado o ano a 3 de Outubro, pudemos ver concretizado o velho ditado "ano novo, vida nova", pois novas "vidas" se vieram juntar às já existentes.

Do Seminário de Almada vieram 13, ficando assim uma comunidade com 61 alunos. Facto a salientar é o novo membro da Equipa Formadora, o Pe. Robson Cruz, até agora nosso colega de Seminário! 25 são, pois, os seminaristas de Lisboa, 2 da diocese do Algarve, 10 do Funchal, 12 de Portalegre e Castelo Branco, 5 de Santarém e 7 os pertencentes a Setúbal.

Agora o mais significativo a referir são as várias ordenações, quer de diáconos quer de presbíteros, que ao longo do ano se realizaram, bem como as várias instituições. É que, graças a Deus, foram em grande número. Acontecendo ao longo de todo o ano e em todas as dioceses, eis o nome dos ordinandos e dos instituídos. Logo a 16 de Outubro, houve festa na Sé patriarcal: foi ordenado padre o João Nogueira. A 30 de Outubro foi a vez do Adelino Guarda, em Leiria. Em Novembro, no dia 20, era ordenado diácono o Amândio, na Sé de Portalegre e eram instituídos no ministério dos acólitos o Castanheira, o Rui Lourenço e o Victor Beirão. Ainda neste dia, o Emanuel, o João Maria e o Marcelino foram instituídos leitores. No primeiro Domingo do Advento, dia 27 de Novembro, foi ordenado diácono o António Martins e instituído leitor o Joaquim Nunes, na diocese do Algarve. Em Dezembro foi a vez do Rui Rosmaninho, que foi ordenado padre no dia 8 para a diocese de Setúbal. Em Santarém, foram instituídos, também neste dia, o Laranjeira e o José Luís Borga, acólitos, e o David e o Vicente no ministério de leitores. Já no dia 14, foram instituídos acólitos, aqui

no Seminário, o Luís Arruda, o Vitor Gonçalves, o Alberto Gomes e o Aníbal Inácio e leitor o Domingos Lage. A 5 de Marco foi a vez do Joaquim Quintela ser instituído leitor. E a 15 deste mês, novas instituições, aqui no Seminário. Desta vez foram o Daniel Batalha, o Paulo Gerardo e o Nuno Isidro como acólitos e o Carlos Jorge e o António Fernando como leitores. No "dia das mentiras", 1 de Abril, apesar de ser uma feliz vardade, foi ordenado padre, na Sé do Funchal, o Edgar. Já no dia 9 foi festa em Santarém com a ordenação presbiteral do Francisco Ruivo. Dia 23: a ordenação de diácono do Castanheira e a instituição de Acólito do Armindo. Já em Junho, a 17, na Sé de Faro, era ordenado padre o António Martins. E a 2 de Julho foi a vez da festa em Lisboa: 3 novos padres e um diácono. Foram eles, os "eleitos", o José Manuel Antunes, o Nuno Aurélio e o Ezequiel. O novo diácono é o João Valente.

Chegados ao fim deste "rosário" de ordenações e instituições, uma breve referência a alguns pontos mais significativos da nossa comunidade.

O primeiro foi a inauguração oficial das comemorações do 100º aniversário do Nascimento do Cardeal Cerejeira, a 29 de Novembro.

A 14 de Dezembro foi a já tradicional festa de natal e a respectiva partida para férias. O regresso estava marcado para o dia 2 de janeiro. A 22 de Fevereiro, um acontecimento importante: a revisão do semestre, já depois da azáfama própria de um intensivo tempo de trabalho, que são os exames.

Seguiu-se, de 1 a 5 de Março, o nosso retirto anual, desta vez pregado pelo Pe. Armindo Duarte. Um tempo precioso para cada um em particular e para o todo que é o Seminário.

Esta ano mais cedo, mas sem faltar, claro!, a festa dos finalistas. A grande novidade foi o "palco" ter sido nos jardins do Palácio, sempre à espreita e à espera do tão falado Visitador Apostólico.

Em Junho fomos tomar a indispensável banhoca em terras, ou melhor, em mares alentejanos. Foi no nosso passeio anual, no dia 13, que partimos rumo a Vila Nova de Milfontes.

O ano chegou ao fim!

A revisão teve lugar no Seminário de S.José de Caparide. Muito fizemos. Muito ainda a fazer!!!

Terminado o tempo dos exames de verão, o mais que merecido tempo de férias. Até breve!

António Fernando Teixeira

NO PRÓXIMO NÚMERO:

5 Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas

A Igreja nos Países de Expressão Portuguesa

Antes de vos fazer uma conferência, eu queria contar-vos, senhoras e senhores, o encantamento de quem, no caminho da sua vida, encontrou o Mestre que lhe traça o destino e que lhe dá valor, e que lhe dá sentido, e que nos diz que a nossa vida, por mais pequena, por mais mesquinha que pareça, não é, no fundo, senão um convite, uma vocação, um apelo a colaborarmos com Deus, infinitamente sábio e infinitamente poderoso, na obra da criação, aumentando a beleza do mundo, aumentando no mundo a soma do bem, aumentando no mundo os clarões da eterna beleza.

Cardeal Cerejeira, *in Obras Pastorais*